

CONTRIBUIÇÕES DO PIBID PARA O ENSINO DE INGLÊS EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE SÃO CRISTÓVÃO

Alef Erik da Silva Santos (Graduando/ UFS)

Resumo: Este trabalho tem como meta compartilhar as nossas experiências como bolsista no subprojeto do PIBID-Inglês da Universidade Federal de Sergipe, realizado em 2014. Nosso grupo de trabalho teve a incumbência de planejar e executar o projeto na Escola Estadual Olga Barreto, no Município de São Cristóvão, que, semanas após a nossa chegada, foi palco de um gravíssimo caso de violência por parte de um aluno contra um professor. Este fato produziu um clima de muito medo e insegurança entre professores, estudantes e suas famílias, causando um elevado número de evasão escolar. Nesse sentido, após uma investigação acerca do perfil dos alunos e de suas necessidades, decidimos elaborar um projeto para os estudantes do ensino fundamental que contemplasse o ensino de inglês numa perspectiva lúdica de aprendizagem. Assim, surgiu o projeto “O PIBID e o Ensino Lúdico de Língua Inglesa na Escola: Realidades e Desafios”, que foi alicerçado segundo a concepção sociointeracionista e propiciou aos estudantes oportunidades de vivenciar experiências significativas de aprendizagem, através de atividades lúdicas envolvendo jogos e brinquedos, confeccionados pelos bolsistas e alunos a partir de materiais recicláveis. Os resultados obtidos, no projeto, foram bastante impactantes para os adolescentes e para nossa formação docente.

Palavras-chave: Inglês, formação docente, ludicidade, PIBID.

INTRODUÇÃO

O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) é uma iniciativa que visa ao aperfeiçoamento e à valorização da formação de professores do ensino básico, como também inserir alunos dos cursos de licenciaturas no cotidiano das escolas públicas brasileiras. O programa é executado por uma equipe composta de coordenadores institucionais, coordenadores de área de gestão de processos educacionais, coordenadores de área, supervisores e professores em formação inicial.

Na Universidade Federal de Sergipe, o PIBID-Inglês é constituído por três coordenadores de área; cinco supervisores, professores das escolas parceiras do projeto; e quarenta e cinco alunos dos Cursos de Letras/Português-Inglês e Letras/Inglês. Esta equipe é dividida em cinco grupos, em cada um delas há um coordenador de área, um supervisor e nove universitários.

Realização



Apoio



Este trabalho tem por objetivo apresentar as experiências dos bolsistas que atuaram na

Escola Estadual Professora Olga Barreto, localizada no município de São Cristóvão, em Sergipe, em 2014, no subprojeto intitulado *O PIBID e o ensino lúdico de língua inglesa na escola: realidade e desafios*.

A proposta do nosso projeto foi desenvolver atividades que envolvessem o lúdico na aprendizagem da língua inglesa, ou seja, utilizando jogos e brincadeiras, sem desvincular-se da realidade social dos alunos. Vale ressaltar que a referida instituição é localizada em uma comunidade simbolicamente desfavorável, com diversos problemas sociais e econômicos. A estrutura física da instituição é bastante precária, apesar de ter passado por uma reforma no início daquele ano. Acreditamos que o péssimo estado estético da escola, além de outros problemas como, por exemplo, salas quentes e pequenas, mobiliários obsoletos, ventiladores quebrados, contribuem para que os alunos não a valorizem; possivelmente esta questão também tem uma relação com a motivação escolar.

Uma de nossas primeiras preocupações foi conhecer o Projeto Político Pedagógico da escola, fato que nos levou a constatar que havia um expressivo índice de evasão escolar. Considerando essa situação, buscamos desenvolver um projeto que contemplasse atividades dinâmicas e prazerosas e que, ao mesmo tempo, possibilitasse aos educandos aprender inglês de forma crítica, reflexiva, em conformidade com os valores pedagógicos da atualidade.

1. PREPARAÇÃO DOS BOLSISTAS PARA ATUAR NAS ESCOLAS

Antes que o subprojeto tivesse sido pensado, elaborado e colocado em prática, ocorreram muitas reuniões e atividades entre nós, graduandos, e a equipe da coordenação e supervisão, na UFS e na própria escola. O escopo das reuniões semanais era nos preparar pedagogicamente para atuar com competência e segurança em todas as atividades que seriam aplicadas nas escolas. Dentre as atividades, constavam discussões sobre a elaboração de planos de aula, elaboração de unidades didáticas, bem como leituras e fichamentos de textos e livros. Um livro que tivemos a oportunidade de ler foi *Pedagogia da autonomia: saberes*

necessários à prática educativa, do reconhecido educador Paulo Freire. A leitura dessa obra foi essencial para que pudéssemos refletir sobre a relação entre a realidade dos alunos e as práticas pedagógicas que estavam sendo desenvolvidas nas cinco escolas, parceiras do projeto. A partir das discussões era decidido quais atividades e procedimentos didáticos seriam adotados durante a semana.

Enfatizamos a importância do período de observação de aula na escola, que tinha por meta conhecer os alunos e, numa perspectiva de prática investigativa, identificar suas reais realidades, motivações e necessidades linguísticas. Portanto, ao elaborar o projeto buscamos contemplar os elementos que estivessem em consonância com os resultados de nossa investigação.

Tendo em vista dinamizar o trabalho, o grupo foi dividido em duplas para observar aulas de inglês na escola. Cada dupla ficou responsável por duas turmas e teve a opção de escolher com quais séries gostaria de trabalhar. Essa liberdade de escolha é algo que devemos destacar, pois tivemos completa autonomia para decidir quais atividades gostaríamos de desenvolver, e isso teve um resultado bastante positivo durante o seguimento do projeto, pois percebemos claramente que a liberdade que deve ser concedida ao professor é um elemento essencial para o êxito da prática docente.

As elaborações dos planos das atividades aconteciam durante as reuniões semanais, sob a orientação dos professores coordenadores de área. Inicialmente, eles requisitaram um fichamento do livro de Freire supracitado, que gerou excelentes reflexões e discussões acerca das práticas docente no ensino básico, especialmente no que concernem os conceitos de *críticidade, autonomia e práticas discentes*. Outros textos, também significativos, foram lidos e discutidos durante as reuniões, como as *Orientações Curriculares do Ensino Médio (OCEM)*, *Open Spaces for Dialogue and Enquiry (OSDE methodology)*, “*Concepções de língua, linguagem, ensino e aprendizagem e suas repercussões na sala de aula de língua estrangeira*”, de Lisiane Ott Schulz, Magda Mônica Cauduro Custodio e Simone Viapiana.

Durante o processo de leitura, as Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), também serviram de base para discussões. O *blog* foi a plataforma virtual utilizada para essas discussões, que envolveu o compartilhamento de experiências positivas e negativas

dos bolsistas durante o processo de formação no ensino básico regular, especialmente na disciplina de língua inglesa. Como forma de introduzir os bolsistas na prática de elaboração de planejamento de aula, foi solicitado que estes elaborassem uma unidade didática. Estas foram realizadas em grupos, sendo apresentadas aos coordenadores, supervisoras e aos colegas, de forma dramatizada, ou seja, simulávamos aulas para o ensino fundamental e médio. Assim, nossas unidades didáticas passaram por várias avaliações coletivas, o que nos proporcionou condições de melhorar os nossos planos de aula, que eram embasados nos conceitos de letramento crítico, criticidade e autonomia.

2. ESCOLAS DE SERGIPE: VIOLÊNCIA, MEDO E INSEGURANÇA

A escola é um espaço de socialização, um local que nos possibilita interagir com o próximo e construir vínculos afetivos. Entretanto, nos últimos anos, o ambiente escolar se tornou um lugar, de certa forma, hostil. A distribuição e utilização de drogas dentro das escolas e a violência é uma lamentável realidade.

Sabe-se que existem vários tipos de violência como, por exemplo, física, verbal, simbólica, institucional, doméstica, moral, patrimonial, psicológica, sexual. Na escola, as violências físicas e verbais já são, praticamente, banalizadas. Pois, podemos observar, facilmente, no cotidiano escolar, alunos em conflito com seus pares, agredindo professores e diretores, bem como professores agredindo seus alunos; crianças e jovens destruindo carteiras, portas, lousas, danificando o patrimônio público. Ou seja, muitas vezes, o ambiente escolar funciona na contramão dos princípios fundantes da educação, do respeito ao outro, da solidariedade, da colaboração, dos valores democráticos. França e Yaegashi argumentam que:

Os atos agressivos, geralmente chamados de anti-sociais, incluem na maioria das vezes comportamentos destrutivos. A criança agressiva provavelmente possui sentimentos profundos de ira, sentimento de rejeição, insegurança e ansiedade, sentimentos de mágoa, um senso de identidade difuso e uma opinião muito pobre a respeito do que conhece do seu eu (FRANÇA & YAEGASHI, 2005, p. 13).

Ainda segundo estas autoras, uma conduta agressiva pode estar ligada a diferentes fatores, tais como: questões relacionadas ao temperamento, à sexualidade, e também àquelas

concernentes às condições biológicas e cognitivas do sujeito. De fato esses são alguns fatores individuais que podem desencadear atos de agressividade, entretanto, a família também exerce um papel importante nos processos de construção das violências. Pois, segundo essas pesquisadoras ela:

Pode influenciar através do vínculo, das interações entre seus membros, da eventual psicopatologia ou do desajuste dos pais e do modelo educacional doméstico, o que é de extrema importância para o desenvolvimento da criança. Sobre os elementos ambientais pode-se dizer que a televisão, os *videogames*, a escola e a situação socioeconômica podem estar relacionados à conduta de agressividade (FRANÇA & YAEGASHI, 2005, p. 14).

Todos esses elementos podem resultar em sérios problemas na vida dos jovens; e em muitos casos torna-se difícil resgatar os adolescentes para uma conduta pacífica. Portanto, é imprescindível que no ambiente escolar eles sejam expostos a situações geradoras de respeito, amizade, colaboração e solidariedade.

Nos últimos dois anos, escolas da rede estadual de ensino de Sergipe têm se tornado palco de graves ameaças e agressões físicas contra professores. A diretora da Escola Estadual Senador Lourival Fonte, localizada no município de Aracaju, foi agredida com socos e uma caneta, por um aluno; professores atuantes em uma escola do interior de Sergipe, na cidade de Itaporanga D'Ajuda, receberam graves ameaças de alunos; o carro de uma professora foi incendiado no Colégio Estadual Professor Antônio Fontes Freitas, localizado em Nossa Senhora do Socorro.

Enfatizamos que na escola em que atuamos, houve uma tentativa de homicídio de um aluno contra um professor. O docente de biologia, que ensinava na modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA), considerado como um excelente profissional, tranquilo e amigável, foi ferido com cinco tiros pelas costas, dentro da sala dos professores. O autor cometeu esse crime por um motivo banal: uma nota baixa. Esse episódio gerou um clima de medo entre professores, alunos e seus familiares. Como consequência desta situação, o alto índice de evasão foi, ainda mais, agravado. Nós, bolsistas, também nos sentimos inseguros e bastante amedrontados, pois tal evento aconteceu poucas semanas após nossa chegada naquela escola. Porém, não nos deixamos sucumbir pelo medo; ao contrário, compreendemos que aquela comunidade escolar precisava muito de ajuda e de bons exemplos educativos.

Assim, passamos a enfrentar a situação como um desafio profissional e damos continuidade ao nosso projeto, ainda mais motivados, pois tínhamos plena consciência da relevância social das nossas práticas docentes junto aos adolescentes.

3. POR QUE UTILIZAR O LÚDICO NA APRENDIZAGEM DA LÍNGUA INGLESA?

A palavra lúdico descende do latim, *ludus*, e significa jogo. Dependendo do contexto, a palavra ‘jogo’ pode ter muitos significados. Kishimoto destaca que:

Pode-se estar falando de jogos políticos, de adultos, crianças, animais ou amarelinha, xadrez, adivinhas, contar estórias, brincar de “mamãe e filhinha”, futebol, dominó, quebra-cabeça, construir barquinho, brincar na areia e uma infinidade de outros (KISHIMOTO, 2008, p. 13).

Portanto, entenderemos brincadeiras, jogos e brinquedos como sinônimos. Porém, a brincadeira nem sempre foi vista com bons olhos. Havia aqueles que a apoiavam, bem como aqueles que a percebiam como uma prática contingente no dia a dia social. Mas o fato é que:

A brincadeira, desde a antiguidade, era utilizada como um instrumento para o ensino, contudo, somente depois que se rompeu o pensamento românico passou-se a valorizar a importância do brincar, pois antes, a sociedade via a brincadeira como uma negação ao trabalho e como sinônimo de irreverência e até desinteresse pelo que é sério (WAJSKOP, 2007 *apud* DIAS, 2008, p. 4).

A educação enfrenta paradigmas que parecem estar fincados desde o surgimento do modelo de escola como a conhecemos: alunos sentados em fileiras, calados e registrando no caderno tudo que o mestre escreve no quadro, ao passo que, em sinal de qualquer movimento em direção a um colega de classe para um conversa, é logo chamado a atenção; na primeira oportunidade que os alunos encontram para um diálogo em sala de aula, eles transgridem. De acordo com Marcellino (1988 *apud* SANTOS, 2008):

Percebe-se que nas escolas a forma de ensinar não tem sido diferente, uma vez que ainda encontramos escolas tradicionais, onde o importante é a transmissão de conteúdos prontos e acabados, não permitindo assim, ao educando expor suas idéias, opiniões, falar, criar e movimentar-se (SANTOS, 2008, p. 12032).

Esse modelo mecânico de vivenciar a escola, com pouco ou nenhum afeto da parte do professor, aulas mal preparadas e sem dinamicidade, favorece a construção da violência, a desmotivação e até mesmo a aversão aos estudos. Além de contribuir para inibir a criatividade dos alunos. A partir da reflexão sobre a padronização de modelos de aulas estáticos e ineficientes, decidimos, então, utilizar o lúdico como um elemento diferencial de ensino e aprendizagem da língua inglesa.

Estudar e aprender qualquer área do conhecimento é um processo árduo, que requer muito esforço e prática, mas isso não significa dizer que aprender não pode ser uma ação prazerosa e grupal. De acordo com Friedmann:

Os jogos lúdicos permitem uma situação educativa cooperativa e interacional, ou seja, quando alguém está jogando está executando regras do jogo e ao mesmo tempo, desenvolvendo ações de cooperação e interação que estimulam a convivência em grupo (FRIEDMANN, 1996, p. 41).

Assim, a partir dessa conscientização, decidimos aplicar, junto aos alunos das nossas turmas, atividades pedagógicas numa perspectiva de abordagem lúdica de aprendizagem, seguindo os princípios da concepção sociointeracionista de ensino. Pois, como preconizam os PCN-LE “aprender é uma forma de estar no mundo social com alguém, em um contexto histórico, cultural e institucional” (PCN-LE, 1998, p.57).

Sabe-se que aprender uma nova língua significa estar inserido em processos de práticas sociais de comunicação e interação. Interagir implica em dialogar, estar com alguém, viver com o outro, respeitar as diferenças, praticar a cidadania e empenhar-se no trabalho em equipe, assim evitando conflitos que podem ser gerados pela pretensão de superioridade individual, pois o ideal é que todos se desenvolvam juntos.

4. METODOLOGIA

O projeto foi desenvolvido, na escola, em etapas. Na primeira, foram realizadas observações de aulas da professora supervisora para que pudéssemos conhecer a sua prática docente e analisar o perfil dos alunos e, a partir dos dados coletados, elaborar uma proposta

Realização



Apoio



que estivesse de acordo com a realidade destes. Na segunda, foram executadas algumas atividades com jogos e brincadeiras, para que os jovens começassem a se familiarizar com a proposta do projeto. Na terceira, aconteceu a confecção de alguns jogos com material reciclável. Foi uma forma de possibilitar que os discentes exercitassem a criatividade, compartilhassem saberes e se envolvessem com outros alunos através da colaboração. A última etapa do projeto foi a exposição dos jogos, para toda a comunidade estudantil, em uma oficina lúdica. Este foi o nosso último dia de atuação, na escola, momento em que todos puderam participar de uma tarde de jogos e brincadeiras desenvolvidos pelos alunos das turmas participantes do PIBID.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Participar do PIBID atuando em uma escola pública estadual foi uma experiência bastante significativa para nossa formação docente. Tivemos a oportunidade de começar a atuar sob a ótica do professor, e isso contribuiu para que refletíssemos sobre as dificuldades que, possivelmente, encontraremos durante o desempenho da profissão: seja em relação à estrutura física da escola, à falta de recursos tecnológicos e, sobretudo, em relação à desmotivação e à violência escolar.

Utilizamos diferentes procedimentos e técnicas pedagógicas que não faziam parte do cotidiano da sala de aula dos alunos daquela instituição escolar. Isto é, percebemos que muitos estudantes ainda não haviam tido a oportunidade de aprender inglês de forma divertida, prazerosa. Ou seja, proporcionamos uma experiência nova na vida daqueles adolescentes. O fato de aprender inglês através de jogos e brincadeiras foi algo bastante impactante para eles e também para nós, bolsistas Pibidianos. Pois, ao término do semestre, nos sentimos extremamente felizes e gratificados quando eles nos questionavam se, estaríamos novamente atuando naquela escola, no ano seguinte.

Percebemos o quanto os estudantes acolheram nosso trabalho de forma calorosa e entusiástica. Por meio da aplicação de práticas lúdicas, quebramos paradigmas e introduzimos algo interessante nas aulas de inglês. Sabemos que mudanças requerem tempo, trabalho árduo, reflexão, discussão e muito trabalho coletivo dos profissionais da educação. Mas, é

possível inovar, fazer diferente, mesmo com todas as limitações e dificuldades que nos são impostas. Sobretudo, não podemos sucumbir diante da violência escolar e de políticas públicas ineficientes e incoerentes com a realidade da escola da maioria dos brasileiros. Melhorar a qualidade da educação no nosso país deve ser o desafio de toda a sociedade, e, nesse sentido, nós que fazemos parte do PIBID temos cumprido o nosso papel.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: língua estrangeira*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

DIAS, Elaine. *A importância do lúdico no processo de ensino-aprendizagem na educação infantil*. Disponível em: <<http://www.ice.edu.br/TNX/conteudo.php?sid=622&cid=1797>>. Acesso em 06/12/2015.

FRANÇA, Sandra Luciene; YAEGASHI, Solange Franci Raimundo. *A agressividade na infância: um estudo sobre suas causas e conseqüências*. Disponível em: <<http://periodicos.unicesumar.edu.br/index.php/iccesumar/article/view/98/313>>. Acesso em 06/12/2015.

FRIEDMANN, Adriana. *Brincar, crescer e aprender: o resgate do jogo infantil*. São Paulo: Moderna, 1996.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. O jogo e a educação infantil. In.: KISHIMOTO, Tizuko Morchida (org.). *Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação*. 11.ed. São Paulo: Cortez, 2008.

SANTOS, Klícia Grijó dos. *Educação infantil e violência: o lúdico como proposta para amenizar os atos agressivos no C.M.E.I Maria Clara Machado*. Disponível em: <<http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/trabalhos9.html>>. Acesso em 06/12/2015.

Realização



Apoio

